

O rádio como meio de persuasão política

Mônica Brincalpe Campo

Os anos 1930 e 1940 marcaram o momento de expansão das ondas do rádio, de seus aparelhos domésticos e da comunicação em larga escala, atingindo lares e espaços até então isolados. As ondas em movimento atravessaram continentes e reintegraram na comunidade imaginária grupos que haviam se separado e que por gerações não se comunicavam. Essa expansão contribuiu para forjar novas comunidades imaginárias em jovens estados, ou nem tão jovens, mas que nesse novo meio encontraram condições de estimular imaginários de identidades comuns. O rádio, meio de comunicação de massa, passou a ser uma arma na batalha pelo apoio das populações aos ditames das políticas mundiais, mobilizando forças que até o momento podiam estar refratárias às causas colocadas pelos estados beligerantes.

Em 2005, na efeméride de 60 anos da Segunda Guerra Mundial, um grupo de pesquisadores brasileiros se propôs a analisar e discutir a ação e o uso do rádio durante o confronto mundial. A coletânea de artigos reunidos em *Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial*, organizada por Cida Golin e João Batista de Abreu, utiliza-se de documentos variados para analisar o rádio e a Segunda Guerra Mundial, tanto com a documentação de aliados quanto a de nazifascistas.

Componentes do Núcleo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação), os membros da Rede Alcar debateram o tema. A intenção era iluminar o objeto de análise – o rádio (com sua grade de programação, conteúdos específicos, políticas de difusão e restrição etc.) – e construir uma história de percurso e importância capital para a compreensão do período em tela.

O Brasil, país com ampla imigração de

Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial

Cida Golin e João Batista Abreu (orgs.)

Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, 190 p.



italianos, alemães e japoneses, efetivamente, possuía situação de delicada atenção mundial durante a guerra, pois sua importância no continente americano – e a escolha do lado que viria a apoiar – teria reflexos, possivelmente, numa tendência continental. Além disso, sua localização geográfica estratégica em relação ao controle do Atlântico e da costa africana intensificava os temores frente às ações da política externa brasileira.

Na política interna, a questão não ficava menos tensa. A ideologia nacionalista do Estado Novo fazia com que as diferentes origens da população fossem sendo suprimidas à força. Destaca-se a repressão aos estrangeiros e seus descendentes. O livro organizado por Golin e Abreu está marcado pelo predomínio de pesquisadores do Rio Grande do Sul, com relatos da perseguição contra alemães e italianos. Perseguição esta que incidiu com força diferenciada nos vários grupos de imigrantes, pois a tolerância aos italianos aparenta ser maior que aos alemães. Comunidades inteiras eram vigiadas e reprimidas. O rádio, ao emitir os programas de seus países de origem, passou a ser o meio pelo qual esses grupos estabeleciam contato

com comunidades distantes, nas quais, principalmente, se reconheciam. É necessário ressaltar que tanto a Alemanha quanto a Itália foram unificadas em torno de um Estado central somente em 1870, o que faz da idéia de comunidade apregoada pelos programas de rádio desses países nazi-fascistas uma construção idealizada. As identidades, entretanto, acabaram por se afirmar e, em meio ao ambiente inóspito, alimentaram o encontro entre o *aqui* e o *além-mar*.

No esforço de guerra para seduzir o Brasil a alinhar-se aos aliados, Estados Unidos e Inglaterra, com os programas *A voz da América*, *O repórter Esso* e com a BBC de Londres, falados em português, trouxeram informações e os ideais democráticos e libertários. Havia uma grande preocupação com a divulgação da cultura anglo-americana: por um lado, isso evidenciava a política de boa vizinhança defendida pelos EUA e, por outro, reforçava a manutenção da diplomacia inglesa em território brasileiro e americano. Dos elementos de construção da reportagem que esses programas elaboraram destaca-se um modelo que passou a nortear a produção jornalística brasileira, de aparente “imparcialidade” e “neutralidade” no discurso.

Com suas transmissões radiofônicas, EUA e Inglaterra afirmavam sua cultura, seu modelo de estado e seus ideais, em língua portuguesa, colaborando, assim, para

afirmar o caráter nacional e particular do Estado brasileiro. Esse modelo de aproximação, mais sutil, acabou por surtir efeitos para além do imediato da participação na guerra, já que projetou políticas de organização futura do Estado brasileiro – e cujos efeitos se fazem notar até hoje, com o amplo espectro de valores afirmados por essa cultura política anglo-saxônica.

O Estado Novo também trabalhou para elaborar uma programação sedutora e convincente, uma identidade nacional. Rádionovelas divulgadas pela Rádio Nacional se afirmaram como a descoberta do filão que ainda hoje predomina na construção identitária do brasileiro: o modelo de dramatização didática de conteúdos para a divulgação de sentidos ideológicos e políticos determinados.

Trabalhar com a história do tempo presente significa perceber o quão próximas essas histórias estão de nossas vivências. O livro *Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial* instiga e contribui para que outras perspectivas de pesquisas sejam exploradas, além de estimular o olhar para este meio, que tanta importância possui na construção das identidades das comunidades contemporâneas.

Mônica Brincalpe Campo é mestre em História Social (USP), doutoranda em História Cultural (Unicamp) e professora da Faculdade Cásper Libero.